

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Club dos jornalistas — Vida elegante; *Lorquon* — *Chora!* soneto; F. de Almeida — Revista dos collegas; *Domino prelo* — Campos Salles — « A Vespa » — Soccorros ás victimas do terremoto de Andalusia — Algumas definições; *Frei Antonio* — Theatros — A republica em Portugal; Luiz Murat — Ave Marias, soneto; S. de Souza Junior — Mattos, Malta ou Malta? Novas revelações — Bolos, *Chico Ferula* — Horas do bom tempo; Lucio de Mendonça — A prostituição no Rio de Janeiro; Dr. H. de Sá — Pilada ecclesiastica; *Satanaz da Silva* — Poesia e poetas; *Udo* — Como nos receberam — Critica scientifica — Tratos á bola, *D. Pastel* — Correio — Consultas — Anuncios especiaes — Anuncios.

A SEMANA

Rio, 7 de fevreiro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana pertenceu quasi exclusivamente á zoologia. Foi uma semana de ursos, monos e mastodontes. Um bando nomade de turcos aportou ás plagas do Guanabara com uma cambulhada de ursos e macacos destinados a embasbaçar a ingenuidade indigena com peloticas e habilidades no theatro... da rua.

Mas a alfandega exigiu pagamento de direitos pela bicharia, e os proprietarios não avesavam quantia sufficiente para satisfazer as exigencias aduaneiras. Por isso lá ficaram retidos nos vastos armazens, entre os coelhos com ervilhas e as pescadas salgadas da importação commercial, os ursos e os monos vivos da importação artistica!

Que calamidade para a Arte e que brodio para os *artistas* retidos!

Lá que os turcos trouxessem os ursos, fazenda que não temos por cá, ainda se pode admitir; mas que trouxessem macacos para o paiz em que elles mais abundam, e agora, que certo conselheiro deputado pela Parahyba vae ser provavelmente o presidente da Temporaria, — isso é que não!

Tenha paciencia a Turquia se esta má recepção feita aos seus filhos poder abalar as relações internacionaes; mas o direito é o direito, embora padeça a fraternidade das nações.

O mastodont, o grande hypopotamo da imprensa nacional, o *Jornal do Commercio*, emfim, urrou d'esta vez, espasçado pela *Gazeta de Noticias*. Vo-

mitou a bilis de ha muito retida e esbravejou, pungido pelos acicates da boa razão.

E' um bello espectaculo a que a população assiste boquiaberta e que ha de terminar, como todos os outros, pelo silencio repentino e inesperado do Pachiderme.

No dia 31 do passado, mais importante que a eleição do Sr. Montandon pelo 16° districto de Minas; do que a nomeação do conselheiro Leoncio de Carvalho para bibliothecario da Faculdade de Direito de S. Paulo; do que a chegada do Sr. senador João Alfredo, com foguetorio e vivorio conservador, como despique da recepção de Joaquim Nabuco; mais importante do que tudo isso, foi o artigo transcripto da *Provincia do Pará* pelo *Pachiderme do Commercio*, a respeito da queixa que faz o Sr. Julio Cezar Balão de Souza á folha ingleza *Invention and inventors' mart* de que os aereonautas francezes Renard e Krebs plagiaram o aerostato de sua invenção. Esta questão tem muita importancia scientifica, e interessa tambem directamente o nosso publico, que correu com o seu cobre ás subscrições abertas ha trez annos para a construção de um balão de experiencia.

Decidam os sabios da escriptura.

*

1° de fevreiro. Continua a questão grammatical entre os Drs. Castro Lopes e Carlos de Laet. *Accordar elles* é o motte, constatado e defendido pelo primeiro e contestado e repellido pelo segundo. Nós consultámos elles, lemos elles, estudámos elles, e concluimos que estão elles de accordo no fundo, oscilando a divergencia apenas entre a classificação de *barbarismo* e *solecismo*.

Todavia, para que o publico não pense que o illustrado latinista Castro Lopes encampa o erro popular, defendendo-o, aconselhamos que esta questão seja debatida — em latim.

E' o meio mais efficaz de ninguem a entender; e salva-se assim a grammatica e a linguagem, indo repensar o Coruja, expletivo que tem entupido ha trinta annos a infancia brasileira.

— Inaugurou-se a E. F. do Paraná. Custou quarenta contos o serviço de comes e bebes. Quarenta contos!

— Apareceu na bahia uma *tintureiro*, especie terrivel de *tubarão* pedrez, cujo advento ás verdes aguas do Guanabara apenas alegrou o Sr. Souza Carvalho, não sabemos por que razão.

Espanto dos banhistas e desolação para os proprietarios de casas de banhos de mar.

—Dia 3. Começa pelos arrabaldes a explosão dos limões de cheiro. De cheiro é um modo de dizer, um euphemismo temerario e tão inodoro como a agua pura. A municipalidade prohibe, mas a policia permite. Resultado: constipação geral do municipio. Bronchites proximas e tuberculosos futúras. Escala ascendente na estrada da pathologia; gaudio dos medieos e regalo dos boticarios.

Aconselhamos ao povo que se vista — de guardas-chuva.

No carnaval tudo é permitido.

—Mais um suicidio.

Não o commentamos para não fazer *reclame* ao defunto e não animar os candidatos á suicidiatura nacional.

Faz aos mortos. Vivam os vivos!

—Dia 4. Diabo! Mais dous suicidios! Moita. Parabens ás barcas de Nietheroy e ao acido muriatico.

Parece-nos que o melhor é estabelecer-se uma agencia de suicidios para commodidade publica. O estabelecimento deve dispor de pretextos e petrechos.

— E' chamado, pelo tenente Heller, á responsabilidade, o Sr. José do Patrocinio, pela publicação do depoimento de Antonio Pessoa. O Sr. Patrocinio comparece á audiencia e apresenta o *authographo*.

Toda a imprensa se fez representar. Continua o processo.

— A redacção d'O Paiz convoca uma reunião de jornalistas para tratar dos meios de se arranjar algum dinheiro para soccorrer as victimas do terremoto de Andalusia.

Tratamos do assumpto n'outra secção.

— Lembrou-se a fundação de um club dos jornalistas. Damos artigo especial n'outra pagina.

— Dia 5. Noticiam as folhas o assassinato, em Ouro-Preto, do antigo e conhecido dentista d'esta corte Chyton Van Tuyl.

Attribue-se o crime a um engenheiro

que d'aqui o acompanhára, e que depois do delicto se suicidou.

— Jose Francisco do Carmo, official de justiça, tendo, na vespera, de proceder a arrombamento no quarto n. 11 da estalagem n. 215 da rua do Hospício, topou, atraz da porta do mesmo quarto, uma enorme bomba de dynamite. O subdelegado respectivo abriu inquerito.

Temos nihilistas na capital!

Tremam as instituições!

— Os republicanos vão á estação da E. F. de Pedro II esperar o deputado republicano Dr. Campos Salles, ultimamente eleito pelo 7º districto de S. Paulo. Festa e musica. Recepção ruidosa.

— Principiou o atterro do canal do Mangue e terrenos alagadiços adjacentes.

Prolfaças aos povos da cidade nova e pezames á Febre amarella. O microbio vae morrer de inanição, ficando-nos apenas os cultivados pelo Dr. Freire, para amostra e como documento historico.

Nada mais havendo a tratar até hontem encerra-se convenientemente... a secção.

CLUB DOS JORNALISTAS

Eis o artigo do nosso illustrado collega *O País*, a respeito do projecto de fundação de um Club dos Jornalistas:

« Por convite da redacção d'esta folha, ao qual galantemente acquiesceram quasi todos os jornalistas militantes d'esta capital, achando-se presentes representantes de todos os jornaes que aqui são publicados, deliberou-se hontem fundar o *Club dos Jornalistas*.

Segundo o pensamento manifestado na reunião, o fim do *Club* é estabelecer um ponto de aggregação moral para todos aquelles que fazem profissão do jornalismo, afim de estreitar os laços de fraternidade professional e discutir em commum os assumptos que, por sua importancia, interessem collectivamente á nação brasileira.

Deliberou-se igualmente que teriam direito a ser socios do *Club* todos os representantes dos jornaes estrangeiros que se publicam no Imperio e bem assim que seriam convidados a fazer parte do *Club* todos os nossos illustres mestres e antecessores no jornalismo e os companheiros que por causas diversas acham-se hoje afastados do jornalismo activo.

Por commum accordo deliberou-se que seriam considerados presidentes de honra do *Club dos Jornalistas* os nossos illustres mestres Joaquim Francisco Alves Branco Moniz Barretto, José Maria do Amaral, Joaquim Saldanha Marinho e Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

A commissão encarregada de formular os estatutos e de expedir opportunamente os convites para a sessão inaugural do *Club* ficou composta dos seguintes Srs.: Dr. Ferreira de Arango, José do Patrocínio, Mannel Carneiro, Dr. Valentim Magalhães e Q. Bocayuva.

A todos os nossos collegas das provincias será expedido convite, para que se dignem adherir á constituição do *Club*.

Seja qual fôr o resultado d'esta tentativa, faz honra aos sentimentos dos nossos collegas e ao seu alevantado espirito a adhesão sincera com que se dignaram acolher a nossa iniciativa e os applausos espontaneos com que saudaram, na reunião de hontem, o pensa-

mento generoso que a todos nos congregou.»

A organização de uma sociedade d'esta ordem, era uma necessidade de ha muito reconhecida e reclamada por todos nós. Todas ou quasi todas as classes têm associações proprias, que poderosa e efficaçamente contribuem para o bem estar geral do ramo de actividade que representam; só os escriptores e os jornalistas não têm conseguido até hoje aggre-miar-se, fundando uma associação, onde, por meio da discussão e da troca de ideas, se possa consolidar definitivamente a importancia da classe, estabelecendo assim a solidariedade e harmonia de proceder que mais do que as outras classes necessitamos, nós, que pretendemos dirigir e encaminhar a opinião publica.

A força moral que ha de resultar da união de tantos elementos dispersos, dará á imprensa nacional uma nova direcção, influindo com mais poder no espirito publico e tornando por isso mesmo a opinião mais desassombada e mais segura.

Consolidar-se-ha a dignidade da imprensa por meio da influencia directa da associação, evitando-se as desgraçadas questões pessoas que por tantas vezes têm rebaixado jornalistas e jornaes e que fazem com que o publico não dê a devida importancia aos juizos da imprensa na maior parte das questões sociais que occorrem quasi diariamente na marelha dos negocios publicos e na direcção geral do Estado.

Venha pois o Club dos Jornalistas realisar a obra da regeneração moral da imprensa brasileira.

A VIDA ELEGANTE

Esta secção que pela primeira vez apparece na *Semana*, não é uma porta que se abre para o mundo inteiro, mas simplesmente um postigo, um modesto postigo d'onde se vê uma pequena parte da nossa sociedade.

Pequena, sim, mas nervosa, artistica e elegante. Ella é para o resto da sociedade fluminense o que é o coração para um organismo humano. Ella é a sede de todos os sentimentos, de todos os impulsos e de todas as leis que governam o resto da população. Ali encontraremos em flor todas as grandes paixões e todos os grandes acontecimentos que de vez em quando agitam o Rio de Janeiro.

O caso é saber descobrir pelo cheiro onde se esconde a flor que ha de produzir talvez uma revolução ou pelo menos um escandalo.

E' uma questão de finura de olphato. Uma palavra solta, escapada dos labios de um senador, um sorriso disfarçado que hispamos no cantinho da bocca de uma senhora, um gesto quasi imperceptivel que relampeou entre dons habitos da rosa, um « Oh! », um « Ah! » um « Pelit », um piscar d'olhos, a mais ligeira contracção de phisionomia, tudo isso, ou qualquer uma d'essas coisas é ás vezes a chave de um grande acontecimento que tem de rebentar d'ahi a dias sobre a opinião publica.

Esta secção é por conseguinte destinada aos espiritos subteis e delicadissimos, com quem pode a gente conversar com muito poucas palavras e a quem se deixa o talento de saber ler por entre as linhas, no logar justamente em que não ha letra escripta.

Não nos leiam os de vista grossa, por que perdem o seu tempo; deixem-nos para os outros, para aquelles que preferem o sorriso á gargalhada, uma chavena de chá a uma feijoadada, uma simples *causerie* com um amigo a um espectáculo do S. Pedro d'Alcantara nos do-

mingos; deixem-nos para aquelles que não conversam em voz alta no bond, ou na rua, commentam a vida allicia, para aquelles que não vestem sobreca-saca preta com calcinha branca de brim de Hamburgo, para aquelles que se vestem no dia da semana como se vestem ao domingo; aquelles emfim que tudo têm e para quem ninguém escreve.

E' para esse grupo esta secção.

A sociedade, ainda como o organismo humano, compõe-se do *systhema nervoso* e do *systhema muscular*.

A este dão tudo os nossos jornaes, gastam-no diariamente com pesados *farinaccos* e *beeffs* ensanguentados; ao passo que do outro nem se lembram os ingratos! Anda o pobre *systhema nervoso* n'uma debilidade que entristece, nem um bocadinho de phosphoro, nem um bocadinho de cal, para remedio.

E entretanto é preciso não deixal-o morrer de todo e apromptar-lhe de vez em quando um pratinho de mariscos, um banho de mar, porque, afinal que seria de nós todos se não tusse elle?

Para começar a secção fallaremos do *Club de Botafogo*, cuja ultima soiree, de sabhado passado, esteve agradabilissima.

Principiou o concerto por uma bella serenata executada pelo Sr. Santos Couceiro e acompanhado pela Exma. Sra. D. Eliza Menezes.

Seguiu-se a *chanson de Fortunio*, romance, cantado com muito talento e expressão, pela Exma. Sra. D. Corina Coaracy, cujo marido estava presente e brindou a *Semana* com algumas palavras de amabilidade.

Repetimos os nossos agradecimentos.

Os Srs. G. Fratterlei e Klier deram-nos em seguida uma fantazia a rabeca e piano; depois houve um duetino de baixo e soprano, executado pela Exma. Sra. D. Leopoldina Level e o Sr. L. Rossi; depois uma fantazia do *Violoncello* pelo Sr. C. Castello; e logo a Exma. Sra. D. Corina Coaracy fez-se ouvir de novo na encantadora aria *Non ci amavamo tanto*; e fechou o concerto a *Ave-Maria* de Gounod, executada pelas Exmas. Sras. Leopoldina Level, Elvira Menezes, C. Castello e S. Couceiro.

Principiou a parte dansante da *soirée* á uma hora e meia da noite. Dansaram-se tres quadrilhas, quatro polkas, tres valsas, seguindo-se depois o afamado *cotillon*, que é uma das especialidades do club.

Effectivamente os Srs. organizadores da festa capricharam bastante n'essa parte e apresentaram verdadeiras surpresas e graciosissimas marcações.

A direcção do *cotillon* foi confiada aos distinctos cavalheiros Manuel Gomes e Mario Rego Macedo, que se sahiram galhardamente na brincadeira.

De duas senhoras, pelo menos, sei que disseram a *una voce*: « Para um *cotillonzinho* não ha outros! »

Na *toilette* das damas reinava uma certa sobriedade de bom gosto; predominava o azul e *creme*.

Destacavam-se algumas figuras, entre as quaes, para não citar todas, denunciaremos Mlle A. de V., um mimo de quinze annos, notavel pela belleza; vestia azul *brodé* e fitas da mesma cor traçadas á grega; — Mme. O. gorgorão negro, ultima moda, (estyló Falconière) e mais suas encantadoras filhas, que trajavam merinó branco, barrado de veludo negro; Mlle R., toda de azul, sapatinhos á Luiz XIV (32 Perry), perfil adoravel; Mme R. M. C., bello vestido cor de creme, mangas de rendas á Sarah Bernhard; Mme C. e tres de suas lindas filhas, quasi diziamos irmãs, tanto se assemelham e se confundem. Além d'esses astros que citamos, outros se nos mostraram de não inferior brilho e bel-

leza, da qual ainda nos restam na memoria os mais fulgentes reflexos.

A imprensa achava-se representada, além de nós, pela *Gazeta de Noticias* na possoa do Sr. Arthur Gonçalves; pela *Folha Nova* na do Sr. Cunha Telles e pela *Gazeta da Tarde* na do Sr. Oscar Rosas.

Já se annunciava no horizonte o velho capacete de ouro de que falla o poeta das *Meridionaes*, quando os ultimos carros conduziam pela rua dos Voluntarios da Patria os ultimos convivas da festa.

Muito bem!

LORGNON.

CHORA !

Olla ; escorre-me n'alma esse teu pranto,
Amada minha ! As lagrimas escorre
Pelo meu peito, e ao sangue que me corre
Nas veias, vê se as vaes mesclando entanto.

Por mim, amo-te tanto, tanto, quanto
Amar se pode enquanto se não morre !
Assim, verás, teu pranto me socorre
Quando eu falleço por querer-te tanto.

Corram, pois, tuas lagrimas em fio,
Senhora minha, dona do meu peito,
E cresçam na minha alma como um rio.

Ellas hão de lavar-me de tal jeito
A nova dôr atroz com que porfio,
Que me verás alegre e satisfeito.

Dezembro, 25 de 1884.

FILINTO D'ALMEIDA.

REVISTA DOS COLLEGAS

GAZETA DE NOTICIAS

Discutiu na semana que hoje finda varias questões importantes. Entre outras: a infinita embrulhada Castro Malta, em que, analysando o parecer da commissão de peritos e n'elle, apoiando a sua argumentação, deixa patente que foi a sepultura violada e parece acreditar que houve uma habilitosa troca de calottes, o que, aliás, entre *cadaveres* não é de espantar; discutiu o papel-moeda, provando mais uma vez que o ministerio da fazenda, substituindo umas notas por outras e inutilizando as substituidas, pratica um acto immoral, prega ao povo—o pagador que não buffa!—um verdadeiro e monumental calote. A sua opinião é que o governo pôde, e deve mesmo, retirar da circulação papeis rôtos e notas que tenham a concorrência das falsificadas; mas que tal serviço pôde ser feito e deve ser feito indefinidamente, e nunca com desconto.

A *Gazeta* está com a verdadeira doutrina. Invalidar papeis que hontem debrado seus respectivos valores, é immoralissimo exemplo, que o governo, e sómente elle, offerece ao povo. Por muito menos tem ido gente á cadeia.

No dia 3 publicou umas deliciosas « balas de estalo » de *Lelio*—Cremos que todos já sabem que *Lelio* e o Sr. Machado de Assis...—sobre o aspecto do céu em fevereiro, mas um aspecto especial, unicamente d'elle.

Foi porém a polemica com o *Jornal do Commercio* o verdadeiro successo da *Gazeta* na semana. D'esse enorme e ruidoso escandalo ha de ficar memoria por muitos annos. Originou-se a péga de umas *Notas á margem* em que o nosso director, ahundando nos conceitos do *Brazil* a proposito de um projectado convenio de jornalistas, deixou provado em poucas palavras que tal convenio seria irrealisavel

porque o *Jornal* não entraria nunca para elle; e que o *Jornal* o repelliria porque é do *a pedido* que vive, a *mofoira* e a sua força, o *testa de ferro* o seu gladio de campanha; porque sem esses elementos o *Jornal* não poderia entrar em concorrência com os collegas, seria fatalmente vencido. Foi isso no dia 2. No dia seguinte appareceu o *Mastodonte* como jámais o viu ninguem: toni-troante, espumando raivas e desaforos; *escumadissimo*, emfim, com a sapéca.

Mas o interessante é que descarregou toda a furia sobre a redacção da *Gazeta*, tornando-a assim responsavel pelo que escrevera o redactor das *Notas*, ao qual nenhuma vez referiu-se—o maroto!

O que principalmente se deduz e se conclue da violentissima *gazetilha* é que o *Mastodonte* não quer convenio de nenhuma especie. Nada de convenios! O que plenamente confirma os assertos do redactor das *Notas*.

Se a *Gazeta* fosse da egualha de *Mastodonte* faria ouvidos de mercador aos improperios d'este, dizendo unicamente:—Isso não é comnosco: é com o redactor das *Notas*, que é nosso collaborador. E para castigal-o da sova que este involuntariamente lhe arranjára—despedil-o-lia.

Como, porém, a *Gazeta* é vinho de outra pipa, tomou a si as palavras do *Jornal*, confirmou o que disseram as *Notas* e respondeu-lhe em felicissimo artigo, intitulado: «Frei Thomaz no *Jornal do Commercio*.»

Artigo irresponsivel, esmagachante!

A sua phrase final, verdadeiro fecho de ouro que resume tudo quanto a respeito do *Jornal* disse o artigo da *Gazeta* e possam dizer milhares de artigos, foi esta, que registramos *ad memoriam rei*: «O *Jornal* tem provado que tem moralidade para todos os preços». Voltaram as *Notas* á carga, com o sub-titulo *Ao Pachiderme!* Virulento, mas necessario e proveitoso desforço da deslealdade, da grosseria e do insolente desdem com que se portara o brutto!

O *Mastodonte* respondeu no dia seguinte á *Gazeta*, repisando as anteriores tolices e injurias e chamando ao auctor das *Notas*—testa de ferro.—elle, o pae-avô dos *Romões!* Mas a replica da *Gazeta* e a treplica das *Notas* devem tel-o posto em panninhos de agua e sal. Nunca lhes dôam as mãos!

Em toda esta desagradavel questão não ha quem possa tomar sinceramente a defesa do *Mastodonte*.

O seu passado é vergonhoso e se lhe mecherem muito não haverá phenol bastante para desinfecar o ambiente da capital.

No dia 5 *Lulio Senior* propõe para candidato ao lugar vago na vereança, em substituição do cidadão Fagundes de Rezende, que não quiz metter a sua honrada mão de maeaco velho em semelhante combuca:—o cidadão *Escaravelho* da *Psycologia*, homem tão puro e tão santo que «as suas gravatas velhas metidas em vinagre servem para livrar de maleitis.» A *Semana* apoia energicamente essa candidatura justissima.

O PAIZ

Continuou a occupar-se com a questão Malta.

Apezar do vigor de pensamento e do brillantismo de forma d'esses artigos, e incontestavel a posição falsa em que se collocou forçadamente o *Paiz* depois do parecer da commissão de peritos. Havia elle dito que se a commissão encontrasse vestigios da fractura e reconhecesse a identidade do cadaver daria a questão por finda—quanto ao *desapparecimento* de Malta. Ora a commissão verificou a

fractura, reconheceram a identidade do cadaver. E o *Paiz* perdeu o melhor, o unico veio de interesse dos seus artigos sobre a questão. Todavia, vaé fazendo o que pôde.

Os *Topicos do dia*, os indefectiveis *Topicos*, continiam leves e interessantes. Pena é que o *processo* da sua feitura se vá tornando um pouquinho gasto. O espirituoso chronista diario d'*O Paiz* já precisa de renovar a receita do seu pratinho, porque o paladar publico vaé cansando. Mais sal, mais pimenta e temperos novos—e o que lhe desejamos.

No folhetim ao alto, *De Petropolis*, (a virgula impede o calimburgo) de que é auctor França Junior, encontramos o seguinte pedacinho, que nos pareceu de ouro e que tomamos a liberdade de gripiar nos *bons endroits*:

«As cigarras, *essas vadias de bom gosto*, não foram pendurar seus *alaúdes*, como os bardos do Thabor, de que falla o poeta, nos salgueiros que bordam a beira do caminho; mas andam aborrecidas, enfadadas, *de navizes torcidas* e já não querem cantar.»

Destorcei os vossos canóros narizes, ó cigarras de Petropolis!

E retomae os *alaúdes*, *vadias de bom gosto!*

Occupou-se no dia 4 em longo e estuda do edictorial da «industria da criação», applaudindo e animando a idéa da projectada *Fazenda Normal de Criação*; e publica um bellissimo artigo de Pinheiro Chagas sobre o terremoto da Andalusia, o qual provavelmente lembrou ao *Paiz*, a idéa de se fazer neste imperio o que se está fazendo em Portugal: collectar recursos para minorar as horriveis consequencias da medonha catastrophe.

No dia 5 pediu o *Paiz* á *Gazeta* e ao *Jornal* que terminassem a controversia em que andam empenhados, porque julga que todos os jornalistas são mais ou menos culpados dos males do journalismo e afim de que, dando elles com a desistencia mutua, da prosecução na luta uma demonstração de cordura e patriotismo «facilitariam a fundação de um nucleo de resistencia ao mal e de um fóco de animação ao bem.» Nobres e louvaveis desejos, que certamente seriam satisfeitos de prompto se não fosse impossivel sustar de golpe a contenda no periodo agudo em que está e se mesmo a hem de toda imprensa, não fosse util até certo ponto essa *barrela*. É conveniente, é necessario que se diga de uma vez, sem reboço, o que foi e está sendo o *papa Peter* do journalismo brasileiro, para que o publico reconheça aquelles que realmente o servem e sinceramente o defendem e que se tente este quasi impossivel:—melhorar o *Jornal*, tornando-o um pouco menos—do commercio.

Além de que—diga-se uma vez por todas—com o *Jornal* é impossivel qualquer accordo, e uma utopia a fraternidade.

Mostrou-o elle proprio repellindo o convenio e não dando noticia da organização do Club de jornalistas, em que desde a reunião do dia 4 no escriptorio d'*O Paiz*—se está trabalhando.

É mediocrenemente engraçado o artigo trasladado do russo por H. R. (será o Sr. Henrique Reis o traductor?) sobre o café brasileiro na exposição da Russia.

DIARIO DO BRAZIL

Publicou no dia 4 um artigo curto, mas bem lançado e energico, sobre a questão da imprensa. Apoiá a *Gazeta de Noticias* e conclue lançando ao *Pachiderme do Commercio*, o seguinte repto:

« Deve a imprensa por sua dignidade ser solidária na defesa de tão rudes golpes que lhe desferem um de seus órgãos.

Por nossa parte acudimos a essa solidariedade, e entendemos que é tempo de começarmos a reforma.

Para que tão necessária reforma, pois, se realice, como é necessário á nossa civilização, cumpre que o *Jornal* entre em nova vida e colloque no alto de suas columnas:—Não admittimos *testas de ferro*.

Se o *Jornal* fizer isto prova que deseja moralisar a imprensa; do contrario o *Jornal* apenas mostra que não quer que se *escoem* para os outros órgãos as *torpezas* de suas columnas.

Eis um convite.

Acceital-o-ha o *Jornal*? »

Se de véras o *Diario* espera a resposta a essa pergunta—póde ir contando as areias do mar e as estrelas do céu para se entreter, que tem tempo.

Mas, para livral-o de tamanha massada podemos responder-lhe, em nome do *Jornal*, auctorisados a isso pelos seus precedentes e pelo seu procedimento na questão que ora se agita:—Não, senhor.

E ainda *O Paiz* se emballa na doce illusão de um convenio! Que sonhador!

A estreiteza de espaço não nos consente occupar-nos com os outros collegas.

Mas as principaes questões debatidas no jornalismo da capital foram indicadas aqui.

E—*au revoir*, meus collegas.

DOMINGO PRETO.

O Dr. Campos Salles

Chegou hontem de S. Paulo, como se esperava, esse distincto deputado do partido republicano.

A recepção que lhe fizeram os seus co-religionarios e todos os sympathicos á causa da republica e da abolição—foi imponente, em extremo significativa pelo entusiasmo e pela espontaneidade que a caracterisaram.

Em Campos Salles e nos seus dois companheiros—Prudente de Moraes—por S. Paulo—e Adolpho Botelho—por Minas fundam todos os espiritos adiantados e generosos grandes e fortes esperanças.

A entrada d'essa luminosa trindade no Parlamento—a qual recorda o triplice lemma glorioso da Revolução franceza:—Liberdade, Igualdade, Fraternidade—é um triumpho estrondoso para a causa popular.

Ella representa a entrada victoriosa do principio republicano no seio da Representação nacional.

Honra á provincia que, primeira entre todas, conseguiu enviar ao Parlamento dois deputados—francamente, ostensiva e radicalmente partidarios da Republica: S. Paulo, e á outra sua irmã que tão de perto a acompanhou: Minas-Geraes.

Recbido na estação da E. F. D. Pedro II por uma comissão do partido republicano, composta dos Srs.: conselheiro Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Silveira Lobo, Magalhães Castro, Pedro Tavares, Pernambuco e Luiz Leitão, e acompanhado por grande concurso de cidadãos, chegou o Dr. Campos Salles ao largo de S. Francisco de Paula, onde o esperava multidão enorme. Organizado o prestito entrou pela rua do Ouvidor a saudar as redacções dos jornaes.

Da redacção da *Gazeta da Tarde* fallaram os Srs. Patrocinio e Magalhães Castro, saudando o Dr. Campos Salles, que agradeceu.

Depois foram comprimentadas as redacções do *Diario do Brazil*, *Revista Illustrada*, *Brazil*, *Folha Nova*, *Gazeta de Noticias* e *Jornal do Commercio*.

Em nome da *Gazeta de Noticias*, respondeu o nosso director Valentim Magalhães.

Da redacção do *Paiz*, oraram os Srs. Dr. Aristides da Silveira Lobo, Quintino Bocayuva e Dr. Campos Salles, sendo todos muito applaudidos.

Em frente do escriptorio do *Diario Portuguez* foram levantados vivas a esse jornal.

Ao approximar se o prestito da redacção do *Jornal do Commercio* retiraram-se das janellas duas ou tres pessoas que lá estavam. Ao frouxo *viva* com que foi honrado aquelle diario não respondeu ninguém da redacção, pois estavam desertas as janellas. As folhas de hoje occupam-se todas com palavras de sympathia da chegada do illustre deputado republicano, á excepção do *Jornal* que, como era de esperar, não a noticia sequer.

A *Semana* comprimenta e felicita o Dr. Campos Salles.

« A VESPA »

Simplemente — optimo o 4º numero d'este novo hebdomadario illustrado. Não é porque n'elle se encontra uma caricatura e uma longa noticia sobre *A Semana*, a qual noticia nos soube que nem gaita! Não é; mas sim porque realmente está muito bom. Pereira Netto está revelando na *Vespa* qualidades de desenhista e caricaturista, até agora não conhecidas: — finura e maciez de traço, graça nas idéas, sombreado sobrio e bem disposto. O retrato do cidadão Fagundes, o Cayapó, é excellente. E' a primeira vez que vemos o retrato do Fagundes — a serio. E devemos confessar que é de matar a gente de riso.

O texto é de Arthur Azevedo. Basta dizer isso, não basta? Traz este numero uma bella poesia de Coppé: *O sapato velho*, tradusida pelo nosso distinctissimo collaborador — Lucio de Mendonça.

Parabens á *Vespa*. Continúe assim que vae bem.

Soccorros ás victimas do terremoto de Andaluzia

No dia 4, por convite da illustrada redacção d'*O Paiz*, reuniram-se em um dos salões d'aquella folha os representantes de quasi todos os jornaes da capital, para o fim altamente humanitario, de promover festejos e espectaculos cujo producto reverta em favor das numerosas victimas do terremoto de Andaluzia.

Foram propostos varios alytires, decidindo-se afinal pela nomeação de uma comissão encarregada de apresentar um programma de accordo com as idéas emittidas na reunião. Essa comissão ficou composta dos Srs. Quintino Bocayuva, Drs. Ferreira de Araujo e Pedrneiras, Angelo Agostini, José do Patrocinio, Manuel Carneiro e Valentim Magalhães.

No dia 5, reunidos estes senhores em uma sala d'*O Paiz*, resolveram apresentar á comissão geral o seguinte

programma, sujeito ainda a modificações:

Organisação de um *bando precatorio*, composto de todos os jornalistas e das associações que se quizerem aggregar, para sahirem na quinta-feira, 12º do corrente, a esmollar pelas ruas da cidade.

Nomear pequenas commissões para pedirem ás sociedades carnavalescas a sua coadjuvação em prol das victimas.

Publicar um numero unico de um jornal illustrado e litterario, com um artigo especial de cada redacção e outros artigos e poesias dos litteratos que quizerem concorrer. Esta parte do programma foi confiada aos Srs. Angelo Agostini, Quintino Bocayuva e Valentim Magalhães.

Avontou-se tambem a idéa de sahirem os jornalistas, fantasiados, em prestito, nos dias do carnaval, esmolando pelas ruas. Isto, porém, depende da approvação da comissão geral.

Tambem se tratou da organisação de um spectaculo para depois do carnaval.

São estas, por emquanto, as informações que podemos offerecer aos nossos leitores.

ALGUMAS DEFINIÇÕES

Phosphoros.—Pequeninos volcões portateis.

Epitaphio.—Rotulo dourado com que se annuncia um genero... podre.

Olhos femininos.—Gavetas de lagrimas e raios.

Fama.—Uma cousa que se procura ganhar para que se possa ir dormir.

Riso.—Arauto do pranto.

Inferno.—O unico logar confortavel no inverno.

Bofetada.—Guardanapo dos biltres.

Ratocira.—Gato que não mia nem come os ratos.

Pimenta.—Tempero de opera-comica.

Leite.—Liquido com que se destempera a agua.

Agua.—Vinho por tingir.

Arsenal.—Dormitorio de armas.

Espada.—Um metro de valentia, que se compra aos alfagemes.

Morcego.—Bicho nocturno que serve de anjo da guarda aos gatunos.

Gatuno.—Gato que fez sociedade com as ratazanas.

Leque.—Uma das azas perdidas por Lucifer ao tombar do Olympo.

Etiqueta.—Meio de evitar indigestões aos nossos hospedes.

Anquinha.—Prateleira em que senão guarda a fecencia.

Boi.—Animal que devia casar-se.

Providencia.—Mulher eclestial de quem só se conhece um dedo.

Rhetorica.—Terreno que sómente da flores.

FREI ANTONIO.

A REPUBLICA EM PORTUGAL

SILVA LISBOA

Os órgãos republicanos de Portugal continuam a protestar energicamente contra o facto iniquo de ter sido preso pelo crime de abuso de liberdade de imprensa o Sr. Silva Lisboa.

Um violento sopro de reacção politica agita o espirito portuguez, até ha bem pouco suffocado pela impossibilidade de se mover nos estreitos limites de um ambiente, que ao mesmo tempo que era

uma garantia para a consolidação moral do governo, ia absorvendo os ultimos resquícios de dignidade, que com grande esforço conservava a consciencia popular.

Essa aspiração republicana encontrando amplo horizonte para se distender, para se ampliar, cresceu, esgalhou-se em todas as direcções, tornou-se a idéa persistente de uma facção politica e fez estremecer como uma lâcha sobre um tronco secular, todas as libras do corpo monarchico, que se dissolvia sob a tranquillidade apparente de suas tradições e do seu antigo poder.

As idéas, largamente comprehendidas, methodicamente discutidas, vinham esclarecer o povo sobre os seus direitos, e substituir o arbitrio real pela lei deduzida scientificamente do conjuncto sociologico, da natureza intima e consciente do homem.

De facto, em Portugal, como em todo o mundo, como em toda a Europa, como em toda a America, o sol da liberdade soffreu o eclipse de muitos seculos, durante o qual a alma humana, tacteou as trevas sem encontrar um raio de luz que pudesse guial-a e oriental-a no profundo cahos, onde se revolviam confusamente as idéas que mais tarde iriam desentranhar, como de um limbo, da massa dos factos accumulados pelo passado, os direitos do homem.

Porém do syncrétismo nebuloso, que a prepotencia monarchica creara para apoiar a sua fraqueza e para inutilisar toda a expansão racional, o sol fulguroso da liberdade ergueu-se, trazendo na irradiação dos seus raios a nova seiva, que vinha fecundar a razão esterilizada e sacudir o homem que estrebuchava entre as visões truculentas de um pesadello de muitos seculos.

A monarchia oscillou. Do alto da sua grandeza, ella sentiu a vertigem de Phaetonte. E cada vez mais o espaço se alargava e cada vez mais ella estremecia sobre a sua propria sombra, sem encontrar um só apoio no vacuo que a circumdava, sem encontrar um sorriso de piedade, ou uma lagrima de dôr, no meio d'aquelle pandemium de gritos e de maldicções, que cahiam sobre a sua cabeça, como um tripudio de morte.

Com effeito. Do alto da historia, do amplo peplus que adornava ainda o ossuario sagrado das tradições imperialistas, jorrava, como de fonte perenne, todo o sangue dos martyres, que cahiram como Haró salpicando de sangue o manto do imperador.

As leis da historia, são inexoraveis como as leis da natureza.

A observação calma e limitada ao relativo, o espirito afastando das suas pesquisas philosophicas o absoluto, creou o methodo, e essa extraordinaria direcção dada á razão moderna, imposta ao estimulo intellectivo, forçou o homem a voltar a sua attenção para as leis historicas, e estas conhecidas, o espirito humano deduziu logo uma nova politica futura, onde era batida em brecha a philosophia *a priori* do despotismo e da escravidão.

Reconhecido o veio genesisico de onde emanavam todos os privilegios e todos os absurdos com que se apresentavam as constituições, a consciencia moderna, começou, desde logo, a cercear esses absurdos, a protestar contra esses privilegios e a desdobrar aos olhos das nações toda a serie de crimes da soberania por *graça de Deus*, e a golpear-a com os argumentos os mais irrespondiveis. O arbitrio do soberano achou-se inesperadamente defronte da liberdade do cidadão.

O monarcha, comprehendendo todo o alcance do perigo que o cercava, lançou mão da astucia e do alceve para reconquistar o poder que se lhe escapava das mãos, offerecendo á ingenuidade popular,

garantias incongruentes, liberdades dispartadas, amalgamando a soberania por *graça* com o *suffragio popular*, o *principio electivo* com a *candidatura official*, a *livre concurrencia aos cargos publicos*, com os *empenhos*, a *liberdade de consciencia*, com a *religião do Estado* e finalmente a *livre discussão do pensamento constitucional* com os *Limoeiros*.

Vergonhoso sophisma, que tem tomado a pouco e pouco as proporções de um crime!

Affronta revoltante lançada á ignorancia popular e á sua boa fé, tereis um fim como tudo que é contrario ao desenvolvimento natural dos povos. Mais tarde ha de cahir sobre a cabeça dos descendentes d'esses reis, que são a personificação do egoismo, e a personificação da entrujice na politica, na religião, na sciencia, nas lettras, nas artes, o mesmo golpe que cahiu sobre a cabeça do neto de Luiz XIV.

Foi pelo facto de ter protestado contra os erros, contra a irresponsabilidade do rei, que foi preso e está sendo processado ignominiosamente o intrepido redactor da *Era Nova*, o arrogante democrata para quem as paredes da sua prisão não têm a solidez necessaria para enclausurarem o seu pensamento de modo a impedirem-no de dizer ao povo:

« Persigam-nos pois, prohibam os applausos com que a consciencia publica nos glorifica e nos cura das suas mordeduras de viboras, mas fiquem certos de que, enquanto se não prohibirem a si proprios o serem torpes e indignos, continuarão a mostrar-se tão impotentes para nos amordaçarem como se têm revelado para se corrigirem. » (*)

Ao vigoroso jornalista, cuja energia está acima de qualquer desforço real, envio-lhe, em nome dos verdadeiros republicanos brasileiros, um cumprimento pela maneira porque tem protestado contra o despotismo constitucional do governo do seu paiz.

A *Era Nova* todas as sympathias d'*A Semana*.

Luiz MURAT.

AVE-MARIAS

No campo, á tarde, ouvindo os sons de um sino,
Longo, ao longe, trazidos pelos ventos,
Despertam-se-me aqui, como uns lamentos,
As saudades dos tempos de menino.

Cahem-me n'alma, e conto-as, e imagino
Que esses doze pancadas são accentos
Vivissimos, crueis, dos meus tormentos,
Que resumbram á tarde os sons de um sino.

Olhando para traz vejo a Esperança,
Romeira que parou, que não me alcança
Mais hoje n'este inglorio meu destino;

Penso em morrer... mas que me seja dado
Na hora extrema olhar o meu passado,
No campo, á tarde, ouvindo os sons de um sino...

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

QUINTA CARTA

« Sr. redactor.

Antes de mais nada, antes de lhe dar conta dos factos extraordinarios que se vão seguir, seja-me permittido dizer duas palavras a respeito de minha sogra, dessa megera, a quem o acaso, por des-

graça fez mãe da mulher com quem casei.

D. Leonarda dos Prazeres é uma velhusca de quarenta e tantos annos que não parece ter mais de trinta e poucos. Forte, bem conservada e lepida, diz até muita gente que ella mette mais vista do que a filha, com quem aliás se parece muito.

D. Leonarda é viuva e foi casada quatro vezes. (Margarida nasceu do seu primeiro matrimonio). Teve por maridos os seguintes homens: um ferrador, um açougueiro, um jornalista e um pharmaceutico.

Consta que todos elles acabaram meio idiotas, notando-se que dous deram cabo da vida, um suicidando-se a tiro e o outro a veneno.

D. Leonarda herdou do ultimo de seus maridos, o pharmaceutico, uma casinha de porta e janella, cinco apolices da vida publica e a pharmacia. Comeu tudo isso dentro de um anno e passou a viver á minha custa. Eu que não estava disposto a atural-a em casa, arranjei-lhe uma pensão com os parentes ricos do defuncto pharmaceutico e tratei de nunca mais saber noticias d'ella.

Isto foi, haverá coisa de quatro annos, e, depois de todo esse tempo, é que a fui encontrar pela primeira vez allí, na casa de correção e presa como ladra, segundo a informação do meu amigo.

Entrei na cellula e, sem mais commentarios, exigi de minha sogra a explicação de tudo aquillo. Ella fechou os olhos e meneou a cabeça negativamente.

— Não quer falar? perguntei eu.

Ella tornou a dizer que não, com a cabeça.

— E' a sua ultima resposta?

Ella sacudiu a cabeça affirmativamente.

— Mas a senhora não sabe o que me trouxe aqui?

Ella levantou os hombros, com indifferença.

— Não sabe que se trata de sua filha?

Ella repetiu o movimento dos hombros.

— Saberá ao menos dizer-me o que foi feito d'ella?

A velha esticou o beijo inferior com um geito expressivo, que dizia—Não sei.

Cada vez mais furioso, pedi ao amigo que me levasse á presença de Castro Matta.

— Não posso, respondeu elle — Tenho ordem para não o mostrar a ninguém.

Ao sahir da casa de detenção, um dos outros amigos, aquelle justamente que me havia affiançado que o Matta estava recolhido á Misericordia, segredou-me já na rua:

— Vou agora á Misericordia, a serviço; se quizeres vêr o homem, vem commigo.

Aceitei o convite e, imagine-se qual foi a minha nova surpresa, quando, penetrando o meu amigo na enfermaria, tornou ao meu lado e disse-me ao ouvido:

— Já não encontras um homem, encontras um cadaver.

E, avançando alguns passos, foi ter a uma cama, onde se via um grande vulto humano coberto por um lençol velho.

O meu amigo levantou a coberta por uma das pontas e accrescentou:

— Vê!

Eu pulei do bolso a photographia que me dera a Jeannite e confrontei-a com o cadaver.

Não podia haver duvida.

Era o mesmo, sem tirar nem pôr.

E a graça é que a photographia estava perfectamente de accordo com as primeiras informações que no ponto das barbas me dera o carregador. « magro cabelo preto, barba a ingleza, e elegancia e de suppor que uzasse polainas e chapéu alto. »

Detive-me defronte daquelle cadaver, a fazer algumas considerações a respeito d'elle.

(*) Da *Era Nova*.

—Alli estava para sempre inanimado o homem que minha mulher preferio a mim e por quem trocou a sua tranquillidade, o seu futuro e a sua honra! E fossem lá comprehender as mulheres! Porque razão aquelle typo de barbas inglezas, aquelle desordeiro vulgar e de má entranhas sem duvida, havia de merecer mais do que eu?... Porque? Por ser bruto? não! Por ter mais talento? não creio... Elle não seria capaz de escrever estas cartas... Por ser mais honesto? Impossivel! Porque seria então? Ainda se fosse rico, mas qual, segundo informações que me leram mais tarde, só lhe encontraram nas algibeiras dous nikes de tostão, uma caixa de phosphoros, algumas cartas de namoro, algumas contas, um pente e tres cigarros. Porque pois teria minha mulher o preferido a mim?

Ah! Quem poderá explicar esses mysterios e essas aberrações do coração feminino! Quantas vezes essas insensatas não largam de mão o ouro verdadeiro para se lançarem sobre o mais ordinario dos metaes!...

Fazia eu taes considerações, quando o meu bom amigo, tocou-me no hombro.

— Então! disse elle — queres agora ficar ahí, defronte d'esse corpo?

— A que horas é o enterro? perguntei.

— Deve ser d'aquí a uma hora. A's quatro.

— Pois eu espero. Quero acompanhá-lo até ao cemiterio, quero vel-o descer á sepultura, cahir-lhe sobre o peito a terra e a cal, e só depois d'isso respirarei com franqueza.

— Então, adeus, disse-me o amigo — deixo-te, que ainda tenho que fazer.

— Adeus. Obrigado.

O amigo sahio e eu fiquei ao lado do defunto. Estava disposto a não abandonar-o um só instante.

Depois do enterro ou talvez amanhã, resolvi commigo — tratarei de continuar nas minhas pesquisas. Minha sogra não quer fallar, mas eu hei de descobrir onde se esconde a filha!... Em ultimo caso vou ter com a Jeannite e peço-lhe novas informações.

Mas, apezar de ter alli, defronte dos olhos aquelle cadaver, que era a confirmação silenciosa da photographia e das affirmações do sujeito que o vira com minha mulher, as palavras do meu outro amigo não me deixaram a cabeça!

« Está aqui na casa de correcção escondido; temos ordem superior para não consentir que elle se communique com pessoa nenhuma e para declarar que elle foi para a Misericordia. Amanhã has de ver isso mesmo nas notas policiaes... »

E como se poderia explicar o engano tão grosseiro que se achara o meu outro amigo? Como explicar igualmente a prisão de minha sogra? Onde estaria a minha mulher?

Eram essas as interrogações que se erguiam dentro de meu cerebro, quando vi chegar um homem, acompanhado por dous serventes, o qual apontou para o cadaver, e disse:

— Carroça com elle!

— Perdão, intervim eu, chegando-me para o sujeito. Saberá dizer-me, caro senhor, de quem é este cadaver?

— Do Malta.

— Tem certeza que é Malta?

— Malta ou Mattos... respondeu o sujeito. Também não sei com certeza. Se não me engano é Castro. Castro Malta ou Castro Matta. Pelo nome não se perca!

Não se perca! Mal sabia o desgraçado o que havia de succeder; considere commigo e, tornando ao sujeito, perguntei-lhe se não sabia que especie de homem fóra esse Malta ou Mattos.

— Uma especie de vagabundo!

— Mas não tinha profissão?

— Qual. Vivia da jogatina.

— Ora essa! considere eu. O Castro Matta de que me fallaram os vizinhos, quando eu sahi a procurar minha mulher, era encadernador, e constou-me que empregado em uma das melhores livrarias da côrte.

Cada vez mais intrigado, fiz ainda algumas perguntas ao sujeito e, vendo que não obtinha melhores esclarecimentos, despedi-me d'elle e dispuz-me a acompanhar o enterro.

Eram cinco horas da tarde quando sahio o corpo da Santa Casa da Misericordia, dentro de um carro negro, onde se via uma cruz pintada de branco. Tomei um tilbury e acompanhei-o sem dar a entender que o fazia.

A carroça tomou a direcção do cemiterio de S. Francisco Xavier; eu atraz.

La triste, como se acompanhasse o enterro de um parente ou de um amigo; sentia até vontade de chorar, quando o meu tilbury deslizou surdamente pela areia do campo.

E a carrocinha negra, miseravel. lá ia na frente puxada por um burro. De vez em quando, nas curvas do caminho, eu a perdia de vista, mas d'ahi a pouco devisava de novo o chapéu alto do gato pingado e, então, fechava os olhos para o não ver.

Que estranho mal estar se apoderava de mim á proporção que me aproximava do cemiterio! Afigurava-se-me um crime o que eu fazia n'aquelle momento. La perseguindo um cadaver, rondando-o como se receiasse vel-o fugir no meio da viagem.

Puhei do bolso a photographia e quasi me faltou a coragem para encaral-a. O retrato sorria, parecia sorrir de mim. Por instantes, afigurou-se-me que os traços de sua physionomia se accentuaram para sorrir com mais vontade; depois parecia que se fecharam na triste expressão que eu vira na cara do defunto.

Tornei a guardar a photographia, e só então reparei que o tilbury já estava parado a alguns minutos, defronte do portão do cemiterio.

Entreisempre atraz da carroça e fiquei meio contrariado, quando o guarda declarou que já não eram horas de enterrar.

O corpo foi depositado na capella. Era tal a insistencia com que eu o acompanhava que passei por parente do morto. O meu cocheiro chegou mesmo a lançar-me um olhar de consolação.

La a sahir, mas hesitei. Despedi o tilbury e puz-me a passear em volta da capella, onde podia por entre as grades ver o cadaver deitado ao comprido sobre uma meza de pedra.

Não sei porque eu me demorava alli, mas sei que me sentia attrahido mysteriosamente para aquelle corpo.

Não podia lhe tirar a vista de cima. Olhei em torno de mim, estava só, o guarda se havia afastado, quando um grito me escapou dos labios.

Pareceu-me ter visto o cadaver virar a cabeça de um para outro lado.

— Estou sonhando!... disse commigo — mas resolvi observar, ainda que fosse preciso esconder-me no cemiterio.

Pela seguinte carta verá V. S., que não era um sonho.

Sou de V. S.

Att.º. cr.º. e ven.º.

...

BOLOS

Comquanto gostemos de dar a nossa tacadinha de vez em quando, não somos, comtudo, tão apaixonados pelo bilhar que conheçamos todos os estabelecimentos em que elle se joga.

Por isso não conheciamos a casa *Ao tacco*

de ouro, da rua Ouvidor, onde ha poucos dias entrámos pela primeira vez.

Já sabiamos que o dono da casa, o senhor Alberto, era um famoso jogador de bilhar que já tem feito duzentas carambolas de uma só tacada; mas o que não sabiamos era que o Sr. Alberto tivesse um espirito tão finamente critico, tão justamente mordaz. Pois tem, o diabo do homem! tem um espirito tão abundante como o bigode que lhe ensombra os labios. As pessoas que duvidarem da nossa affirmativa não precisam fazer mais do que ir até lá, á rua do Ouvidor n.º 37, e reparar no dístico inscripto na porta do palacio das necessidades da casa. Todos, pelo menos todos os que *liam a Folha Nova*, sabem que ella inventou uma phrase que a immortalizou e que representa, ainda hoje, todo o seu cabedal litterario, toda a pasmosa fecundidade dos espiritos que a têm redigido, unico producto verdadeiramente original do talento dos guarda-livros arregimentados pelo jornalismo do *deve e haver*; a phrase a que nos referimos já o leitor perspicaz atinou qual é: — *E' a tal coisa*. Pois reparem no dístico e vejam que elle não é mais do que a perpetuação d'essa phrase.

Nós declaramos que nunca a vimos tão bem applicada e que nunca soubemos de melhor e mais justa homenagem feita a um jornal. Deve estar orgulhosa a *Folha Nova*.

*

*

Não vá ella pensar agora que narremos este facto por não termos assumpto para atacal-a por outro lado. Não, senhora, ha de levar os bolinhos do estylo.

Para corpo de delicto basta-nos o seu numero de quarta-feira. Lá encontramos na quarta columna, artigo *Sport*, uma « sazonal resolução da directoria... » com um sabor de cinca, que é um regalo!

A noticia de que foi nomeado vice-consul *americano* no Fayal o Sr. Jacintho Manuel da Silveira.

Outra de que uma tal « Philomena Rangel *poz-se toda na puba* » — nobreza de expressão e elegancia de estylo capaz de fazer corar no tumulto a ossada do Mal das Vinhas.

Outra de que a rua dos Ourives percorreu tocando a banda de musica allemã, — caso verdadeiramente phenomenal, inversão pasmosa dos costumes paeatos da banda allemã, pois que até aqui era ella que percorria a rua dos Ourives!

E outras, e outras, e outras, que seria longo e fastidioso enumerar.

*

*

E esta de querer intrigar-nos com o Lucio de Mendonça?

Olhe que ser intrigante é feio vicio e quasi sempre revella o sentimento muito condemnavel da inveja. Quem intriga é porque se morde com o bem alheio.

Parece-lhe então que Lucio de Mendonça, um escriptor puro, um prosador de raça, litterato até ás unhas, não está bem collocado *dans cette galère*?

Ora, santinha, queria talvez que o homem fosse ser guarda-livros para poder embarcar lá na falúa?

Deixe-se d'isso e tome juizo, se ainda é tempo.

*

*

O nosso presado *Escaravelho* zumbiu no domingo ultimo em redor do bello soneto de Luiz Delfino — *In her book*.

O animalzinho, pouco affeito a poesias, educado unicamente na escola coxa e tropega da *Musa do povo*, pelo methodo de Hudson, sem idéa do que seja imagem, sem noção do que seja sentimento poetico, refugio as delicadezas e as harmonias do poeta da *Solemnia verba* e espantou-se por saber que nas regiões

olympicas da suprema Arte ha « luz que canta; olores de caçoula; rufos de azas e frescuras d'agua ».

Delicioso e ingenuo bichinho! por que intentas atirar sobre o grande poeta as maçans que ennovellas e de que te alimentas? Fazes um roubo ao teu estomago e nada lucras com a rejeição.

Assombrou-te tambem o facto de haver o poeta visto um *rosto* no livro, e insinuas que é expressão incorrecta. Se tu soubesses ler por cima, eu remettia-te para o Vieira, que diz, tratando do vocabulo « Rosto »: *Rosto do livro*; a primeira pagina do titulo.

No Moraes tambem encontrarias, no mesmo vocabulo:—*Rosto do livro*; a pagina primeira do titulo.

Ainda no Aulette: *Rosto do livro*; a primeira pagina do livro onde está o titulo e o nome do auctor.

Como, porém, tu não podes saber ler, attenta a tua condição de coleóptero, não exijo que recorras aos mestres, nem que vás aprender leitura pelo precitado methodo, porque não desejo que venhas a saber ainda menos do que sabes.

A tua *Musa do povo*, producto genuino, natural e logico do teu sentir poetico, que se desengonçe como *pendant* da tua prosa, na camaradagem da mesma digna secção das descomposturas, dos doestos, dos insultos e das calumnias, como bons visinhos e amigos, fraternizando nas passeiadas matutinas, ao diluculo, pelos vastos e sujos arruamentos da grande cidade typographica e immunda em que viveis.

Em paz e ás moscas.

CHICO FÉRULA.

HORAS DO BOM TEMPO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

(Continuação)

O Cabrião do Justino

Outro desmarcado pandego, do meu tempo, foi o Injustino, assim chamado por si proprio, para differencar o nome do de Justino. E porque? Porque o rapaz era o mais feroz inimigo do cathedratco de direito civil, Justino de Andrade, que o reprovara em mais de um anno; era uma ogerisa sem termos e sem trêguas: tudo quanto era contrariar « o gallego », como lhe chamava, constituia para o estudante dever sagrado.

Começava pelo vestuario: como o dr. Justino veste-se invariavelmente de preto, nunca — mas nunca — viu-se um centimetro de panno preto no corpo do Injustino: nos proprios actos solemnes da academia, em que é de estylo a roupa preta, lá achava uma fazenda escura, mas que não fosse bem da odiosa côr de que se vestia « o gallego ».

No cabelo, na barba, era o mesmo: o professor trazia o cabelo muito liso, empastado na cabeça; o do rapaz andava comprido, á 1830, a esvoaçar pelos hombros; o Justino usava bigodes só; o Injustino deixava toda a barba e raspava os bigodes, o que, com a cabelleira grande, dava-lhe uns ares de matar... de riso.

— Hei de ser, na sciencia como em tudo mais, o antipoda d'aquelle môno.

— Mas, objectaram-lhe, não podes evitar muitos pontos de contacto: andas como elle, comes como elle, em summa: —sois ambos homens.

— Sim! *ad impossibilia nemo tenetur*, como se diz naquella amolação do *Corpus Juris*; mas chego até onde posso. E consigo mais do que pensas: « somos ambos homens », dizes tu; não sei bem até que ponto é isso exacto, até que ponto se poderá commetter o abuso de aceitar « o gallego » como homem. No comer,

já temos uma grande differença (além de que eu me abstenho de milho e capim) — nunca o fazemos ás mesmas horas, e eu bebo mais do que como, ao inverso d'elle. No andar, declaro-te—e ao mundo —que, se ainda não me puz a andar com pés e mãos, porque elle anda só em dois pés, é por ter inteira certeza de o ver, mais cedo ou mais tarde, restituído ao seu andar natural—dos quatro pés.

*

Mas n'um particular desabafava-se consoladoramente a zanga do Injustino com o seu ex-homonymo:—no tocante ás vidraças do lente.

O desgraçado homem, depois de uma constancia heroica e das mais caras, de muitas dezenas de mil réis, desesperou de usar vidraças inteiras em casa, emquanto « aquelle biltre », — como chamava ao rapaz, — andasse em S. Paulo.

Foi, de parte a parte, uma porfia homérica, de que se não de lembrar, com eterna saudade, os vidraceiros da cidade academica:—o Injustino a quebrar as vidraças e o Justino a mandar concertal-as. Concertadas, duravam apenas o tempo do Injustino as ver; aos primeiros alvares do outro dia, o transeunte matutino veria espatifados, um por um, os bellos vidros da vespera.

Mas horas depois lá estavam novos vidros nos caixilhos.

—Emquanto « aquelle biltre » cá estiver, não ganho para os vidros! exclamava, com um sorriso medonho, o Justino de Andrade.

Ah! foi uma campanha! o professor tentou todos os remedios, todos falharam. Como a casa era d'um assobradado muito alto, mandou pôr ás janellas da parte exterior, umas rotulas que resguardassem os vidros.

Qual resguardarem! o Injustino escangalhava primeiro as rotulas e depois as vidraças. O civilista, furioso, comprehendeu então que apenas fornecera mais obra á sanha destruidora do estudante; e continuou sem novidade a teimosia encarniçada, de um a restaurar as vidraças, do outro a pol-as em cacos.

Mas de uma vez, teve o Justino uma surpresa de alegria indescriptivel; na tarde anterior, mandara, pela quinquagessima vez, renovar o envidraçamento, e durante a noite, contra toda a expectativa, não ouvira aquelle retinido estrepido de vidros quebrados que já lhe ia determinando uma raiva especial com symtomas graves de loucura.

De madrugada, ao enfiar a roupa, cogitava curioso: teria morrido o estudante? estaria, pelo menos, de cama? Não via outra explicação para a integridade daquella face mais fragil do seu lar domestico.

Desgraçado! foi quasi a rir de intimo gosto, entreabrir de manso uma janella, medroso de ainda receber, naquelle mesmo instante, as pedradas do inimigo.

Como era myope e estava sem oculos teve um deslumbramento: pareceu-lhe que os vidros, de encontro á claridade fôsa da manhã, conservavam milagrosamente o estado de perfeição em que os deixara o vidraceiro na vespera.

Mas tão singular parecia-lhe o acontecimento que foi pôr os oculos, e, de vista armada, entrou a examinar vidro por vidro, Ai! foi-se-lhe o « engano d'alma lêdo e cego », em cada vidro, regularmente no meio, havia um pequeno triangulo, cortado a ponta de diamante, por onde penetrava o ar fresco da manhã.

Foi talvez esta ultima circumstancia que impedio que o professor desmaiasse.

Fica para outro dia e capitulo o melhor das relações entre o professor Jus-

tino e o inimigo figadal das suas vidraças—a despedida que este lhe fez, e cuja historia perpetua-se em S. Paulo, de geração em geração academica, e ha de durar emquanto houver memoria de estudante.

(Continúa).

LUCIO DE MENDONÇA.

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO

I

Sans elle, ou, sans cette honteuse mais fatale plaie de l'humanité, la pureté des mœurs n'y tarderait pas à disparaitre et l'ordre social à être bouleversé.

(HYPPOLITE MIREUR).

TRAÇOS GERAES

Continuando nas minhas humildes considerações, acho conveniente desde já levantar um solemne protesto contra os que pensam que a prostituição deve ser banida.

Respeitador do talento de Mirabeau, da sua arrebatadora eloquencia, não posso, entretanto, deixar de oppôr-me ás suas idéas sobre a prostituição, idéas que demonstram que a pratica não justificou a sua theoria.

Em uma sessão do senado, em França, a 22 de Junho de 1865, Goulhot de Saint-Germain dirigiu uma petição contra essa chaga da humanidade, dizendo que era um descalabro do paiz e que, como tal, devia ser banida. N'essa occasião, o senador Dupin emittiu o seu parecer, dissertando sobre o excessivo luxo das senhoras da grande sociedade que, copiando as grandes maneiras e o vestuario das mulheres publicas, serviam-lhe muitas vezes de modelo.

Tardieu faz figurar a vaidade como a causa primordial do augmento das metretizes, e, com effeito, as almas fracas, que sentem uma fascinação irresistivel por esse vicio, são por elle precipitadas n'um extremo humilhante. Para ostentar apparatusamente o luxo em que julga occultar a hediondez da sua consciencia, a mulher — a primeira preciosidade social, mas tambem machina gigante de um grande orgulho — entrega-se com a maior facilidade á prostituição!

A sociedade moderna, ou antes, a lei consente-lhe essa degradação e proclama-a como uma necessidade, e para confirmar isso, ahi está o facto de que a mulher, prostituindo-se, abraça uma regalia legislativa de quasi todas as nações.

Banil-a completamente, extingui-la, seria um erro ainda mais grave, pois que, segundo uma voz authorisada, a prostituição, filha do deboche e do vicio, corresponde aos ardores brutaes dos sentidos.

O que seria da moralidade social, se assim acontecesse, mórmente na época actual em que parece nascer de todos os lados o enthusiasmo e o ardor pelas orgias?! O resultado seria o transtorno da ordem e da tranquillidade publicas.

Diz Mireur, para confirmar a minha opinião: « A prostituição existe desde os tempos mais remotos; nasceu com os homens, por assim dizer, pois que a sua origem remonta á origem das sociedades. No Genesis e em outros livros santos, nas mais antigas tradições de Roma e da Grecia, nos escriptos dos poetas e historiadores da antiguidade, achamos vestigios dos seus depregramentos. Através dos seculos da edade media e até os tempos modernos pôde-se mais facilmente ainda seguir passo a passo sua marcha sempre invasora e nunca interrompida.

Ora, estabelecido bem só este facto da existência constante da prostituição em todos os povos e em todos os tempos, não bastaria para demonstrar o quanto esta chaga social se acha inherente á especie humana, por consequencia, o quanto é inevitavel? Ella não poderia desaparecer senão em uma sociedade em que os homens tivessem chegado ao mais alto grão de perfeição moral! »

A meretriz é, pois, uma entidade indispensavel.

Pois bem; ao menos, que ella não seja um fôco venenoso.

Nesta cidade faz-se importação excessiva de mulheres de todas as nacionalidades que, reunidas ás que já existiam, exercendo tal profissão baixa, miseravel e abjecta, não são sujeitas a nenhuma das regras aconselhadas pela hygiene.

Qual é a inspecção sanitaria das meretrizes, adoptada na Europa, que se faz aqui, na capital do Brazil, na primeira cidade da America do Sul?! O serviço de saúde publica, a este respeito, é uma calamidade patente, que está invocando urgente reparação.

As profundas reflexões de Ricord, os conselhos de Robert, os innumerados pareceres de varios authores são aqui desprezados a ponto de haver mulheres, syphiliticas por varias vezes e prostituidas ha muitos annos, ostentando se lúxuosamente, sem o menor conhecimento do speculum.

Causa verdadeira lastima o execrando abuso que lavra por ali e que constitue um crime de lesa-hygiene, contra o qual resolvi elahorar estes artigos.

(Continúa)

DR. HENRIQUE DE SÁ.

PITADA ECCLESIASTICA

Ha de permittir o illustrado Dr. Castro Lopes que hoje lhe entre um pouco pela seára, e pesquize as origens da expressão — *burro como uma pedra*.

Está na Biblia, evangelho de S. Matheus, cap. 16, vers. 18, o famoso versiculo: — *tu es Petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam*.

Christo chamou positivamente burro ao velho apóstolo, que de todo não brilhava pela intelligencia, tanto que chuchou de S. Paulo aquelle quinquão celebre.

Dizem que no syriaco, que era do que Jesus-Christo gostava, a mesma palavra — *cephas* — significa *Pedro e pedra*. Isto, posto em vulgar, sem o divino calimburgo, e por mais que espumem os protestantes que entendem a cousa d'outro geito, vem a dizer claramente:

« Tu és um pedaço d'asno, e sobre este pedaço d'asno edificarei a minha igreja. »

Por isso... e d'ahi tambem, as phrases « religiosa besta » « reverendissima asneira », e semelhantes.

SATANAZ DA SILVA.

POESIA E POETAS

O Sr. Virgilio Varzea é poeta moderno, realista, objectivo. Munge altiloqua inspiração nas tétas abundantes da esthetica positiva e vota odio mortal ao decrépito Romantismo.

Vejam com que segurança desdobra elle as pandas azas em busca dos *solidos* ideaes, expungidos das piegnices sentimentaes dos versejadores choramingas:

« O dia vem surgindo, o dia esplendoroso!
A aurora traz-me um beijo enorme, luminoso,
E faz que a flor estenda as petalas azues
Aos vagalhões de ouro d'uma explosão de luz!
O coração palpita e sente um magno effluvio
Que inunda todo peito assim como um diluvio.
A grande mãe de tudo, a vasta natureza
Sente a latejação das formas da belleza.
O colibri dourado a namorar a flor
Murmura-lhe ao ouvido uns canticos d'amor.

O dia é uma alegria heroica, colossal!
D'elle é que emana o bem, da noite emana o mal. »

E depois:

« Fiquei a olhar-o calmo e mudo como a fraga...
E perguntei-lhe o nome: — Eu sou Rodrigues Braga
Aquelle que lntou por dogma novo:
Abrir um horizonte de luz a este povo.
A marcha do Progresso é a senda das auroras! »

Uma critica prevenida ou superficial talvez que julgue isso um *pastiche* de Guerra Junqueiro; mas entre o vate portuguez e o bardo brasileiro vae toda a distancia que ha da Europa a Santa Catharina.

Aquelle hemistichio:

— Eu sou Rodrigues Braga!

possue certo sabor nativo inteiramente estranho ao auctor da *Morte de D. João*. Se é verdade que todo poeta genuino tem na lyra uma nota especial, propria, exquisita, que o caracteriza e distingue dos seus confrades gloriosos, a nota do Sr. Virgilio Varzea parece-nos ser os dous alexandrinios:

« Fiquei a olhar-o calmo e mudo como a fraga...
E perguntei-lhe o nome: — En sou Rodrigues Braga! »

O poeta, como ardente sectario da nova escola, faz um enorme consumo de mansas alegrias, scismas azues, olhares mansos, sons avermelhados, alegrias azues, limpidos ideaes, canções boas, loiras phantasias, loiras explosões, extranhos clarões, illusões avelludadas, brancas harmonias, phantasias loiras, pallido Jesus, *verve* cor de rosa, etc., eec., etc.

Fallaremos depois das *Obscuras* e dos *Versos sem rima*.

UDO.

COMO NOS RECEBERAM

Eis as palavras do *Fluminense*:

« Recebemos os ns. 1, 2 e 3 da *Semana*, periodico importante que se publica na Côte, sob a direcção do Sr. Dr. Valentim Magalhães, um dos nossos mais apreciados escriptores, que é vantajosamente secundado por outros tambem conhecidos, entre os quaes se distingue o Sr. Alfredo de Souza.

« E' a *Semana* muito variada e contem artigos que pôdem agradar a todos os gostos.

A melhor recommendação que ella tem é a pleiade de moços illustrados que formam a sua redacção, á frente da qual se acha o estimado poeta a que acima nos referimos, Dr. Valentim Magalhães.

Saudando a nova revista, fazemos votos para que seja longa a sua vida, pois que publicações da ordem d'esta, honram a capital do Imperio e dão um justo estalão da sua mentalidade.

A *Vespa*, no seu numero 5, recebeu-nos pela seguinte gentilissima fórma:

A SEMANA

« Temos recebido com muita regularidade esta interessante revista, dirigida por Valentim Magalhães, o joven escriptor que tanta reputação tem adqui-

rido com as suas scintillantes *Notas d Margem*.

Não é de hoje que o poeta dos *Cantos e Lutas* e de *Colombo e Nené* tem dado provas de seu talento e o que mais é, do seu amor ao trabalho. Já nos saudosos tempos em que fazia jus, na Paulicéa, ao tradicional canudo que infelizmente é o « *Sezamo, abre-te* » de todas as posições dirigentes da nossa terra, Valentim produzira muito, e creara o periodico illustrado *Bohemio*, e depois a *Comedia*, que tão gratas recordações deixaram. Formado já, e antes de entrar para a *Gazeta de Noticias*, collaborou assiduamente na *Gazetinha*, o jornalette mais espanta-burguez que nunca se vio.

A *Semana* é escripta pela fina flôr da nossa litteratura,

As *Horas do bom tempo*, de Lucio de Mendonça, são adoraveis de estylo e bom humor.

Adivinha-se a penna de Filinto de Almeida na graça e singeleza com que são narrados os factos mais commesinhos. O poeta das *Aguarellas* de vez em quando deixa cahir do seu escriptorio um soneto magistral, como aquelle *Sempre!* — que já temos de cor e salteado.

« No *Mattos, Malta ou Matta?* estão patentes todas as qualidades de estylo e de observação de Aluizio Azevedo. Não nos parece de outra origem o curioso romance da *Semana*.

Luiz Delphino, o Jupiter daquelle Olympo, já duas vezes illuminou as columnas da nova revista. Lá vem dous sonetos que são dous primores.

As musas de Raymundo Corrêa, de Luiz Murat, e de Alfredo Souza tambem se fazem representar gallhardamente.

E que alegria nos deu a *Semana*, publicando a traducção, feita por Affonso Celso Junior, de uma esplendida poesia de Catulle Mendès! Já todos nós julgavamos que o poeta das *Telas sonantes* estivesse completamente sacrificado á politica. Assim não é, felizmente. No intervallo de dous discursos, Affonso Celso Junior terá sempre occasião de escrever trez poesias.

Finalmente, a *Semana*, que, além dos escriptores citados, dispõe de outros, não menos competentes, como sejam Urbano Duarte e Alberto de Oliveira, é um periodico bem feito, desde a *Historia dos sete dias* até os *Tratos á bolla*. E' para desejar que não desapareça como têm desaparecido tantas e tão estimaveis publicações d'esse genero. Mas felizmente, já não estamos no tempo do *Diario da Manteiga*, e podemos sem receio aconselhar a todos quantos este virem a que assignem a *Semana*... depois de assignar a *Vespa*. »

CRITICA SCIENTIFICA

Temos sobre a mesa de trabalho duas magnificas monographias, que nos foram offerecidas pelos seus authores.

Uma d'ellas, a *These* do Sr. Dr. Francisco José da Silva Pessanha, occupa-se com o *Diagnostico e tractamento das pneumonias infecciosas*.

Assumpto novo no Brazil, e ainda muito debatido na Europa, tem dado lugar á formação de trez escolas para discutir-se a sua pathogenia.

Bastaria só este facto para dar valor ao trabalho de S. S., se elle não tivesse sustentado as suas ideias com vigor e robustez. A sua dissertação, sendo satisfactoria, nada deixa a desejar.

Além do merito scientifico, o seu trabalho possui valor litterario, cousa difficil de encontrar nos tempos que correm, em que a amenidade de estylo e a correcção de fórma são de sómenos importancia nos trabalhos scientificos.

A outra monographia, a *These* do Sr. Dr. João Ferreirinha, tracta das *Indicações e contra-indicações da pereirina e seus saes nas manifestações agudas da malária*. É um trabalho puramente nacional, que está elaborado com proficiência.

Os processos de preparação da *pereirina*, que S. S. apresenta, são já sancionados por habéis profissionais e não havemos de ser nós que os critiquemos. Lamentamos, porém, que não se lembrasse de arquivar o mais simples que existe até hoje e que a pratica proclama como o melhor e mais expedito; é o chamado *Processo da pereirina a frio*.

No capitulo dedicado á therapeutica apresentou o autor 50 observações clinicas em que pretende provar a efficacia da *pereirina*.

Nós, que apreciamos muito a dissertação de S. S. e que por ella podemos avaliar o profundo estudo a que se entregou, não podemos, entretanto, deixar de dizer que essa efficacia ainda deve ser posta em duvida, principalmente se attendermos a que, na maior parte das observações, a *pereirina* foi empregada depois do uso do *sulphato de quinina*.

Somos da opinião do Sr. Dr. Pereira Guimarães, que S. S. cita na sua these: « Nas febres, quando revistidas de character grave ou nas de fundo pernicioso, não se deve arriscar a vida do doente, e sim empregar o *sulphato de quinina*, cuja energia já é um axioma. »

A *pereirina* deve ser empregada sómente como um succedaneo.

Sentimos não poder, no estreito espaço de que dispomos, fazer uma analyse ainda mais minuciosa do trabalho do Sr. Dr. João Ferreirinha, que demonstra ser um moço de grande applicação, sendo digno de elogio o seu esforço, escrevendo com habilidade sobre uma substancia das extensas e ricas florestas brasileiras.

A nossa Faculdade de Medicina deve honrar-se com taes filhos, e achamos que commetteu dous actos de justiça, approvando com distincção as duas theses.

Agradecemos.

II.

Escrevem-nos de Goyaz, em data de 3 do passado:

« Installou-se aqui no dia 1.º o nosso *Centro* libertador. Grande festa. Foram entregues 120 cartas de liberdade. A' noite o Dr. Francisco de Paula Alvellos, um medico distinctissimo, fez uma bella conferencia sobre a abolição dos escravos. Houve grande concurrencia e muitos applausos. No dia 20 o *Centro* deve realisar a sua segunda sessão e espera poder annunciar a liberdade total, senão do municipio, ao menos da capital.

Leopoldo de Bullhões está eleito em primeiro escrutinio com uma maioria de mais de 800 votos sobre o seu contendor, o candidato conservador Dr. Ramiro de Abreu.

Depois de amanhã deve apparecer o primeiro numero do *Libertador*, órgão do *Centro*.

Quando houver mais novidades, apresentar-me-hei em transmittil-as á *Semana*. »

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Nada de novo appareceu durante toda a semana n'este theatro. A comedia—*As meninas Godin*—está em ensaios.

Brevemente os *habitués* do Recreio terão essa novidade, a qual, segundo nos dizem, é uma verdadeira fabrica de risos.

Que venham as *meninas*. Só assim o

Fiacre 226 e outros dramalhões poderão ficar quietinhos no seu canto.

Fez beneficio n'esse theatro a actriz Maria Luiza—com « o grandioso drama fantastico em 5 actos e 7 quadros dos afamados escriptores Alfonso Arnault e Luiz Judicis » (conforme o annuncio)—*O Castello do Diabo*.

Que a beneficiada tenha sido feliz.

LUCINDA

A *Casta Suzana* foi verdadeiramente caipóra. Apesar de toda a sua castidade cahiu, e cahiu porque o nosso publico assim o quiz. Caprichoso e esquisitorio, nem tudo que reluz no palco é ouro para elle.

Emfim... são cousas!

Devia ter sido representado hontem *Os estranguladores de Paris* (reprise).

SANT'ANNA

Tem entretido os seus numerosos frequentadores e *frequiadoras* com a *Gata Borracheira*, *Principe Topazio*, *Boccacio* e, finalmente, o *Barba Azul*.

A *Cocota*—revista dos acontecimentos de 1884, escripta por Arthur de Azevedo e Moreira Sampaio, o Heller nol-a promette dar breve, muito breve, no dia 19 do corrente.

Anciamos por ella, mesmo porque os acontecimentos de 1884 foram tantos e tão bons, que infallivelmente esta *Cocota* deve ser deliciosa...deliciosissima!

S. LUIZ

No domingo, 1 do corrente, a empreza do actor Magno, levou á scena neste theatro a tragedia—*D. Ignês de Castro*.

Ah! se a deixassem descançar...para sempre, não seria tão bom?

Felizmente depois desta fabrica de lagrimas deram ao publico *A Espadellada*.

Antes isso, Sr. Magno.

POLYTHEAMA FLUMINENSE

A companhia Musella cantou a *Ione*, drama lyric do fallecido compositor, maestro Enrico Petrella.

O numero de espectadores foi regular tão regular que a companhia fez d'esse drama lyric o seu canto de cysne e...desappareceu.

*

**

ACTOR PEREGRINO

No dia 8 do corrente effectuar-se-ia no theatro S. Luiz um espectáculo organiado por amadores, em beneficio da familia do fallecido actor Peregrino.

Subirá á scena a *Cabana do Pai Thomas*

É de esperar que o publico que tantas vezes se deliciou á custa do talento admiravel do actor Peregrino, concorra com sua presença e seu obulo afim de suavisar a sorte de sua familia, reduzida quasi á miseria.

É um acto esse não só de humanidade mas tambem de respeito e consideração á memoria do distinctissimo actor.

A empreza da talentosa actriz Apollonia prepara para o dia 27 um outro beneficio. Este será feito com o concurso de actores de diversos theatros.

O seu programma é por ora desconhecido, mas é de suppor que será brilhantissimo.

Honra á empreza do Lucinda!

*

**

THEODORICO BAPTISTA

Falleceu em Lisboa este velho e distincto actor portuguez.

Quem se incumbirá agora dos papeis que elle outr'ora creou no *Alcaide de Faro*, no *Louco de Evora*, no *Odio de Ruy* e em outras peças, abrilhantadas pelo seu talento?...

Como os grandes homens, Theodorico tinha tambem a sua mania—nunca se retratou!...

Bordallo Pinheiro foi o unico que conseguiu (como ladrão intelligente), roubar-lhe as linhas principaes de sua physionomia e fazer-lhe uma caricatura.

Seguiu de perto o « Pae Roza. » Vão-se os velhos e grandes artistas de Portugal! Felizmente o Taborda ainda não faz biscoutos para a viagem.

Hybernaes é o titulo de um volume de versos que o joven poeta Braulio Cordeiro Junior tem no prelo e que apparecerá brevemente á luz da publicidade.

Foi dado hontem á sepultura no cemiterio de S. Francisco Xavier o cadaver da Exma. Sra. D. Judith Francioni de Paiva, que succumbiu victima d'uma febre typhoyde.

Era dotada de viva intelligencia e de qualidades que a tornavam geralmente estimada.

Tinha apenas vinte annos e deixa na orphandade uma creancinha recém-nascida.

Os nossos sinceros pesames á sua Exma. familia.

TRATOS Á BOLA

Ora graças, *D. Empadinha!*

Foi a senhora a unica que decifrou exactamente as charadas e o logogripho dos *Tratos á bola* ultimos. E olhe que recebemos nada menos de 15 decifrações!

Póde, quando quizer, vir receber o premio que lhe compete.

Agora, diga-nos uma cousa: Por que razão a senhora occulta o seu nome? Não seria melhor tirar essa mascarasinha e assignar-se?

Que os *Tratos á bola* não levam ninguém á Posteridade, sabemos nós; mas, *D. Empadinha*, já e um contentamento a gente metter o dente em cousas difficeis e ter como recompensa, alem do premio que é quasi sempre de arregalar os olhos, o nome.—o nome, ouviu?—em lettra redonda. Não acha?

Emfim, comprehendemos perfeitamente estas cousas...

Ah, modestia! modestia!...

Eis as decifrações das charadas: Da telegraphica—*Romance*; da antiga—*Leopardo*; das novissimas—*Fiav'e e Abano*; do logogripho—*EscaravELHO*; e da charada em quadro:

Rapa
Apar
Pati
Aria

Para hoje offerecemos tudo isto que aqui vae: Comecemos pelo

FESTIM SELVATICO

Ha pela matta mil murmurios trepidos
De passarinhos vividos, trilantes...
Em nuvem multicolor, insectos lepidos
Vão revoando, revoando, rumorantes.

Pelo irizeiro as hauras passam rapidas,
A' flor, que aromas solta saturantes!
E, no ar, que pet'las vão, lantejoulantes,
Adornar e cobrir as broncas lapidas...

E um pelotão de Faunos maliciosos;
Festões de myrtos passam conduzindo;
Depois, vêm, a um de fundo, rindo, rindo,

Os Egipás em galhofeiro bando;
E, após, Satyros lhanos e ruidosos,
Pampanaes florescentes agitando.

É charada? perguntará a leitora ou leitor.

Sim, responderemos nós; é uma cha-

rada. Quem quizer decifral-a ha de dizer o nome do auctor do soneto.

E como descobri-o?...

Não se incomodem, eis a explicação: — O nome do auctor do soneto está incluído n'elle proprio; estando as letras dispostas de verso em verso, a começar da primeira — H — de forma a traçarem uma especie de diagonal que atravessa o soneto, do primeiro ao ultimo verso.

E' uma novidade; não acham?

Pois eis uma outra novidade, á qual chamamos—Anagramma geographico:

Encontrar nas seguintes palavras truncadas os nomes de oito terras brasileiras.

Valen-boca, Thabor-frio, Maça-aly, Caria, Resa i quarto, Thebas-carro, Po-das-roy, Nicotino sobrio.

Agora... Outra novidade?

Não! Um

LOGOGRIPO (Por letras)

Peguemos este animal 4,13,3,2,1
Que pelos montes rebôa 12,5,14,3
Utensilio musical 14,6,2,8,12,15
Que se come e é cousa boa 11,3,2,6,12,15
Mais outro bicho cacemos 2,3,12,13
Dos indios na habitação 2,6,14,3
E satisfeitos dancemos 14,3,12,8,7,5,9
N'este bemdilo torrão 1,2,3,12,1,14,15
Vestuario respeitado 14,11,10,6.

Terra de nome damnado.

E, para terminar, quatro

TIBURCIANAS

1—2—E' de Molière, em Portugal este dito:

1—1—D. Luiz é um deus da universidade.

2—1—O—q—é sem compaixão mas illustre.

2—2—O sol, por conseguinte:—o Ferreira Vianna.

N. B.—As Tiburcianas decifram-se do mesmo modo que as Antigas. A unica differença consiste em que a charada fórma phrase completa, embora de sentido absurdo.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um almanach do Figaro para 1885 com illustrações e um exemplar da Vida de seu Juca, parodia a Morte de D. João.

Ao segundo — um trimestre d'A Semana.

E digam-nos agora se não vale a pena darem-se ao trabalho de sujeitar a bó a a tratos nos Tratos á bola. Digam, se são capazes!

E até sabbado.

D. PASTEL.

N. B. — Tudo quanto diga respeito a esta secção deve ser remettido em carta dirigida ao supra assignado D. Pastel, redactor da mesma.

Ao Sr. Carlos Bertini acaba de ser concedida pela Sociedade de Sciencias e Artes dos Italianos de Palermo, a medalha de ouro e o titulo de socio correspondente.

CORREIO

SR. J. OHLAYRAC.—Seus versos... Santa Barbara! Então o desespero, alem de atterrador e duro o senhor o chama de roedor? Que mal lhe causou o desespero, quando o senhor mesmo diz que elle lhe fez erguer a voz altiva ao céu dourado?

Um conselho: faça com o desespero o que se faz com quem morde a Deus—Quebre-lhe os dentes.

E' muito melhor que quebrar versos.

SR. J. Z. FERREIRA DA COSTA.—Lemos sua carta e em seguida o trabalho do seu amigo. Como estrêa gostamos d'esse escripto. Não o publicamos, porque, como póde examinar, as nossas columnas vão recheiadas e... o espaço, o espaço, foi-se!... Desculpe-nos, sim?

SR. CHICO TATU.—Barbacena. As suas balas de estalo não são más e têm alguma graça. Mas não pódem ser acceitas pela Semana por tratarem de cousas que absolutamente nada interessam os nossos leitores; pela Gazeta ainda menos, porque esta só publica os artigos dos seus redactores e eollaboradores effectivos. Quanto á correspondencia semanal que deseja enviar-lhe, proponha-lh'a directamente. Mas desde já o prevenimos de que o resultado mais provavel, é uma negativa.

SR. A. F. FURTADO DE MENDONÇA FILHO.—Ouro-Fino. Respondemos por carta, á sua consulta pedagogica no dia 3 do corrente.

SR. FRANÇOIS SEUL.—A sua consulta juridica não devia ser dirigida ao director d'esta folha particularmente, mas sim á sua redacção. A especie é interessante e merece detido estudo. Mas só lhe responderemos se V. S. desmascarar o seu nome para que verifiquemos se é assignante d'A Semana, pois sómente elles têm direito a consult-a.

E cá estamos ás suas ordens.

—Sr. professor JOSE' AURELIO (Ca-leçon Scáhlagam) O seu poemeto O pé-sinho de la Paqueta é um louvar a Deus de gatinhas. Não bem quizeramos achal-o genial; empregámos para isso uma grande porção de boa vontade, nossa e de alguns amigos, que se prestaram a nol-a emprestar. Mas não foi possível passar além da primeira estrophe:

« Quando saio de tarde e a fresca aragem
Me dá na roupa
Sou como barquinha á vella
Que vai seguindo viagem
De vento em pópa »
Pois então—boa viagem!

—SR. SERAVAT—O Sr. é um pedaço d'asno.

—SR. DOMICIANO LEITE DE SOUZA PINTO—Vassouras.

A Semana publicará de boa vontade qualquer trabalho em prosa ou verso que lhe seja enviado, desde que revele talento, seja criterioso e feito em regular portuguez. As suas reflexões de uma solteirona estão felizmente nessas condições. Mas occupam seis tiras de papel de trinta e trez linhas.

Alem disso a sua letra rende como o diabo! Tenha paciencia; d'esta vez não é possível. Veja se faz cousa mais curta. *Pauca sed bene paratum.* Gostou d'este latinorio?

SR. R. OCTAVIO—A' sua carta respondemos apresentando-lhe mil e uma desculpas. Não é o Sr. o tal Echo. Acreditamol-o hoje piamente.

Mas olhe que as letras pareciam-se como dois ovos.

Mas o que é de Echo a Echo; o que é de Octavio a Octavio; manda-o a justiça.

SR. ECHO—Echo de relinchos, eis o que é o Sr. «A' fava amigo; á fava e breve!» -dir-lhe-hemos, parodiando o Castilho.

SR. QUIDAM.—O Escara-moço. Mil desculpas por ter havido aquella troca de letras em seu appellido.

Foi um maldicto erro de revisão.

Em todo caso declaramos em tempo aos povos que tem o bom gosto de ler A SEMANA: O decifrador das eharadas do n. 4 foi o Sr. Quidam, o Escara-moço enão Quidam o Escaramoço.

E não se masse, moço.

Recebemos:

— A Revista Illustrada, n. 400 Vem toda festiva e cécia, annunciando e celebrando o seu quarto centenário. Parabens, collega. Outros e muitos lhe desejamos sinceramente.

E que os vejamos nós também. Quanto ás suas caricaturas sobre os homens sem cabeça, temos a dizer-lhe que foi a collega quem deu no vinte em toda esta mattina. E' verdade:—perdemos todos a cabeça. Mas não é menos verdade que alguns além da cabeça com ella perderam também...a vergonha.

— A Vespa, n. 3. Traz na primeira pagina um excellente retrato do grande pintor Bastien Lepage, um dos famosos lançados de Sarah Bernhardt, cujo retrato, feito por Lepage é um dos seus mais bellos e celebres quadros.

Uma das paginas d'este numero da Vespa é dedicada á memoria do actor Peregrino, cujo retrato é bem bom.

— O Romancista, ns. 6 e 7 e 8.

— Da sympathica e festejada maestrina Francisca Gonzaga: Recitativo da opereta A corte na roça e o bellissimo tango: Sacy-Pereré, da mesma opereta.

— Gazeta Universal, ns. 7 e 8 do 2º volume. Sempre interessante.

— União Medica, n. 1, 5º anno.

— Acalentando, polka do Sr. Alexandre de Almeida. Magnifica para dançar-se, mas ainda melhor para acalentar os nossos filhos e as nossas... illusões.

— Novas poesias de Manoel de Almeida Coelho Margarida. 4º volume. Daremos depois, na secção Poesia e poetas.

— O Raio, primeiro numero. No seu artigo de fundo Quem somos e o que somos diz que a sua norma «será sempre a sisudez e a decencia para tudo e para todos.» Deus o queira.

Agradecendo-lhe as cortezias que faz ao nosso director, desejamos-lhe longa e prospera vida.

Revista de Engenharia.—Numero 106.

Traz importantes artigos sobre Navegação Interior, Estradas de Ferro, Electricidade, Obras hydraulicas, etc.

— Le Courrier du Bresil, n. 1. Este jornal apparece em substituição do Messenger du Bresil e tem como redactor-chefe o ex-redactor do Messenger.

Foi apenas uma simples mudança no titulo:—em vez de Messenger, Courrier. Comprimentamos cordealmente o illustre collega, almejando lhe mil felicidades.

— A Distração, n. 18. Sempre interessante.

Diz que pretende fundar um curso gratuito de xylographia, annexo á empreza. E dá entender que para isso é preciso que os assignantes se multipliquem. Bons desejos.

Que se realizem.

— O prospecto de uma nova publicação em fasciculos sob o titulo de Ubivoussou; (Ein?) Escola Nacional, Lenda Maracáit. (Ui!) Reminiscencia dos tempos colloniaes, de que é autor o Sr. Lopes Neves.

CONSULTAS

Consulta litteraria

A' REDACÇÃO D'A SEMANA

A que nomes reaes correspondem os pseudonymos:

Ignotus, Olim, Etinrelle, Parisis e Jean de Paris, do «Figaro»? Publicola, João Thesourinha e Confucio, da Gazeta de Noticias?

Viscondessa Augusta, da Folha Nova?
e *Quidam do Journal do Commercio?*
L. M.

RESPOSTA :

Ignotus é o barão Jules de Platel ; *Jean de Paris* é um pseudonymo, de que se serve no *Figaro* não um escriptor, mas um grupo de escriptores. D'esse grupo é director Adrien Marx, que tem por principaes auxiliares os Srs. Grison e Rety.

Quanto a *Olim, Etincelle e Parisisesses* não constam nem do « Dicionario de pseudonymos », nem do excellente livro de Mermet « *La publicite en France* », edição de 1880, que foi a que pudemos consultar. Continuaremos, entretanto, á procura d'essas informações para responder no todo á consulta.

Publicola e Confucio são pseudonymos do mesmo escriptor que usa do pseudonymo *Dicio* ; *João Theourinha*, de Henrique Chaves.

Viscondessa Augusta é um mysterio que o redactor da *Folha Nova* não quer desvendar.

E *Quidam* é um filho do Dr. Luiz de Castro, chegado ha alguns mezes de Paris.

A REDACÇÃO.

ANNUNCIOS

Externato João de Deus

Aulas primarias e secundarias

60 — RUA SETE DE SETEMBRO — 60

AU BON MARCHÉ

60 Rua Sete de Setembro 60

Completo sortimento de fazendas de linho, lã, seda, perfumarias, etc. Armazem de fazendas finas, armarinho e modas. Vendas por atacado e a varejo. Recebem directamente artigos e novidades de Pariz. Encarregam-se de qualquer encomenda.

Continho & Silva Caldas

Telephone Urbano n. 414

Collegio N. S. da Candelaria

13 — LARGO DE CATUMBY — 13

CASA DO AYROSA**10**

RUA SETE DE SETEMBRO

FAZENDAS E MODAS**ROUPA FEITA**

E

ARMARINHO

RUA SETE DE SETEMBRO

N. 10**119****RUA SETE DE SETEMBRO
CASA DO AYRES**

Os proprietarios d'este estabelecimento aannunciam os seus freguezes e ao respeitavel publico que mudaram-se da rua do Carmo n. 22, para á rua Sete de Setembro n 119, aonde esperam merecer a mesma protecção que sempre lhes dispensaram, continuando a vender suas fazendas por preços baratissimos.

Chitas francezas, metro 200 rs.
Oxford encorpado, metro 200 rs.
Saías de chita, uma 1\$500.
Ditas de popeline de seda, uma 3\$000.
Grande quantidade de lã e seda para vestidos, metro 500, 600 e 800 rs.
Brim branco de linho trançado, para calça, metro 1\$500.
Dito de côres, metro 600 rs.
Cassinetas enfeitadas, para roupa de homens e meninos, metro 2\$000.
Merinós pretos superiores, metro 1\$, 1\$500, 2\$ e 2\$400.
Ditos de côres, grande sortimento, metro 1\$800.
Damassê branco, superior, metro 900 e 1\$000.

Setinetas lisas e lavradas, metro 800 rs.
Setim listrado, alta novidade, metro 1\$800.

Percalines, alta novidade, metro 700 rs.
Percalines e chitas em cretonne, metro 400 e 480 rs.

Lãs e seda, novidade, metro 1\$0 0.
Fustão branco de cordão, metro 700 e 900 rs.

Cretonne francez. para lençoes, metro 800. 1\$. 1\$200 e 1\$450.

Filô muito largo, para cortinados, metro 2\$800.
Crochet para cortinas e cortinados 1\$ e 2\$000.

Velludinho de todas as côres, metro 2\$000.

Peças de musselina branca, a 4\$000.
Nanzouk muito fino, metro 800, 900 e 1\$200.

Morims e algodões

Peças de morim, a 1\$000.
Ditas de cambrainha, a 1\$500.
Morim encorpado de 40 jardas, por 10\$000.

Dito especial para camisas, peças com 30 metros a 4\$500, 5\$, 6\$ e 7\$000.

Dito trançado superior, peça com 20 metros, a 11\$000.

Dito fino especial, peça 8\$000.
Peças de algodão, a 1\$200, 1\$800, 2\$, 2\$400 e 3\$000.

Algodão enfeitado para lençoes, peça 5\$, 7\$, 8\$500 e 9\$500.

Dito trançado para toalhas, metro 1\$.
Atoalhado para mesa, metro 1\$400 e 1\$900.

Dito de linho branco e de côres, metro a 2\$800.

Colechas brancas acolchoadas, a 7\$ e 8\$000.

Ditas brancas e de côres, com franjas, a 3\$, 4\$ e 5\$500.

Guardanapos grandes, duzia 7\$ e 9\$.

Meias para homens, ditas para senhora, ditos para meninas e meninos, grande quantidade.

Lenços de linho de todos os preços.
Camisas de linho para homens, caixa com meia duzia, a 9\$ e 25\$000.

Enxovaes para baptisados, a 9\$, 12\$, 15\$ e 20\$000.

N 119**RUA SETE DE SETEMBRO**

ENTRE A RUA DA URUGUAYANA E TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Martins Teixeira & C.**TISICA PULMONAR
HERVA HOMERIANA**

Remedio poderoso e efficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta, licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approvado por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

E' usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portugueza de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principaes drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

MATHEMATICA ELEMENTAR

Ensina-se na rua da Uruguayana, 57, 1º andar.

COLLEGIO PUJOL

CURSO COMPLETO DE PREPARATORIOS

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. Pedro II)

LEITE DE MINAS

DA

FAZENDA DA SAUDADE

PROPRIEDADE DE

Cerqueira Lage & C.

Recebido diariamente pelo trem mixto das 5 horas e 40 minutos da tarde

DEPOSITO GERAL

13 Rua de Gonçalves Dias 13

Onde se recebem assignaturas para entrega nos domicilios.

RIO DE JANEIRO

EXTERNATO HEWITT
INSTRUÇÃO SECUNDARIA COMMERCIAL
134 RUA DO ROSARIO 134

PENDULA MERIDIONAL
Especialidade de brilhantes
do Brazil, joias modernas e relógios de todas
as qualidades.
CASA DE ERNEST MERLIN
38 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 38

A PAULICÉA
MIUDEZAS, MODAS E PERFUMARIAS
OBJECTOS PARA PRESENTES
Luvras de seda de um botão, pretas e de
côr, a 1\$500.
Luvras de 2, 3, 4 e 6 botões, a 2\$000 o par.
2 LARGO DE S. FRANCISCO 2

AVISO
Especialidade de roupa sob medida para
homens e meninos.
ANTONIO ORTIGÃO & C.
78 Rua dos Ourives 78

OURO
COMPRA-SE OURO, PRATA E BRILHANTES
PAGA-SE BEM
32 RUA DA CARIOCA 32

8\$000
um sobretudo de panno ou casemira escura para meninos
de 8 a 15 annos, só na
RUA DA URUGUAYANA N. 12 E ASSEMBLÉA N. 73
Ao Barateiro sem competidor

DINHEIRO SOB PENHORES
EMPRESTA-SE
EM CASA DE
ILDEFONSO A. S. CAMPELLO
16 Travessa de S. Francisco de Paula 16

BISNAGAS!
Legitimas francezas,
perfumadas, chics, baratas. Grande sortimento no
armarinho de miudezas, a dinheiro á vista.
112 RUA DO ROSARIO 112

A' THESSOURA LUZITANA
ALFAIATARIA
DE
GUILHERME PINTO SAMPAIO
217 Rua de S. Pedro 217

9\$000
uma calça de finissima casemira preta forrada de SETIM, sob
medida, com perfeição sem limites!
Só na Casa do Silva
5 RUA DA URUGUAYANA 5
JUNTO Á CHAPELARIA

A'S SENHORAS ECONOMICAS
Sapatos de duraque preto, biqueira de verniz, solla forte,
ns. 32, 33, 34 e 35, a 3\$ o par; ditos de pellica, com chapa, da
mesma numeração, a 4\$500; borzequins de chagrin, solla forte,
para senhora, 5\$; botinas de verniz, encouraçadas, para crian-
ça, 2\$ o par; assim como temos mais diversos calçados para
homens, senhoras, meninas e meninos, que separamos do ba-
lanço para torrar por qualquer preço; no grande armazem do
Azevedo, na rua dos Andradas n. 23, em frente ao largo do
Rosario antigo da Sé).

HOSPEDARIA FIEL
RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2
Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de
apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados,
espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de se-
gurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco.
Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa
como para a rua da Alfandega.
A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

RETRATOS
EM
PORCELLANA
A 5\$000 A DUZIA
TRABALHO GARANTIDO
93 Rua do Hospicio 93

AU GRAND DINER DE RIO
A LA CHAUMIERE — Rua da Uruguayana n. 61
ENTRE OUVIDOR E ROSARIO
Das 9 da manhã ao meio dia, ALMOÇO: tres pratos escolhidos
na lista, arroz, queijo, fructa, meia garrafa de vinho e café ou
chá, 1\$. Das 3 horas da tarde ás 8 da noite, JANTAR: sopa,
quatro pratos, arroz, doce, queijo, fructa, meia garrafa de
vinho, café e cognac, 1\$500.—Soupers á la carte jusqu'à 1 heure
de la nuit.—Cozinha Franceza, Italiana e Portugueza.—Ceias
pela lista até á 1 hora da noite.

GRANDE EMPREZA DE MUDANÇAS PELAS CARROÇAS DE MOLAS
Alugam-se carroças para transporte de moveis, moveis,
mobílias finas, espelhos, marmores, louça e tudo o mais per-
tencente a uma casa de familia, tanto para a côrte, como para
suburbios e Nietheroy, por preços mais baratos do que em
outra parte. Tem carros espeziaes para transporte de pianos.
JACINTHO GOMES
40 RUA DE LUIZ DE CAMÕES 40
(ANTIGA DA LAMPADOSA)

CASA ESPECIAL
DE
REFRESCOS E BEBIDAS
Bernardino Teixeira Ramos
39 Rua dos Ourives 39